

CONFERENCIA SOBRE TURISMO

Damos hoje a conferencia do nosso redactor principal, no Casino das Thermas de S. Pedro do Sul, na noite de 17 de setembro ultimo.

*Ilustres aquistas,
dignos lafonenses,
Senhoras minhas:*

A elegancia foi para mim avára. Passou pela minha porta como um comboio expresso por uma estação insignificante, nem sequer afrouxou a velocidade.

E escrevi sobre estes papeis o que desejava dizer-vos, não para imitar o douto academico, mas sómente para que a memoria me não falte.

E a vós, senhoras que me ouvis, suplico toda a vossa benevolencia para a minha palestra, pois o assumpto que vou tratar não vos interessa. Mas, como no coração d'uma mulher reside toda a generosidade, não m'a negais certamente porque a ides dar a um amigo d'esta região, cuja beleza não seria completa, se vós não lhe dêsseis aquele encanto que nos vossos olhos se patenteia e na vossa alma se es-
peinha.

A INDUSTRIA DO TURISMO SUPERIOR A AGRICULTURA

A industria do Turismo é uma arvore muito moça no nosso paiz, pois ainda agora começa a erguer ao Ceu os seus primeiros rebentos. Ha-de po-
rem fructificar, porque n'esta terra bem-
dita, não lhe faltam condições para que se eleve tão alta, como n'outros paizes se ergueu, e onde á sua som-
bra, vivem quasi todas as industrias.

Erro imperdoavel ter-se dito de Portugal, um paiz essencialmente agri-
cola, mas que não tem pão para comer.

Talvez não lhe faltassem condições naturaes, mas da forma em que está, é um paiz agricola sem agricultores.

A vastidão do Alentejo é um mato por desbravar, pois a maioria dos seus campos estão abandonados á urze, sem que ao menos um humilde pasto produza.

Os nossos lavradores preferem man-
dar os seus filhos para Coimbra, para que os seus criados o chamem: Sen-
hor Doutor, a indicar-lhe o caminho da escola agricola para aprenderem os melhores processos de amanho as terras. D'esta forma, resulta haver, dou-
tores a mais e agricultores a menos.

Mas não é só na gente abastada que esse mal vivifica; tambem nas clas-
ses trabalhadoras, que mandam os fi-
lhos á escola só para alimentar a emi-
gração, por julgarem que a sorte os ba-
fejará, não se lembrando da celebre frase

de Ramalho: «Os emigrantes á ida en-
chem um vapor, e á volta, cabem n'um
banco d'um jardim».

Com estes grandes males enraizados na nossa sociedade, a Portugal só lhe compete um lugar puramente subal-
terno entre os outros paizes agricolas.

A FALTA DA MARINHA MERCANTE NÃO DEIXA DESENVOLVER A AGRICULTURA

Só o vinho poderíamos exportar em boas condições, mas a falta da marinha mercante nacional, tem dado lugar a que a Italia e a Hespanha nos tenham quasi esborrachado dos mercados do Brazil, e se lhe não acudimos a tempo a nossa exportação será nula.

Outro grande mal, é a falta de bons caixeiros viajantes, que fossem á Ame-
rica do Sul vender os nossos produ-
ctos, quer do vinho, quer das nossas preciosas fructas.

Mas a falta maior ainda é, sem duvida, a marinha mercante, pois nin-
guem se lembrou ainda, que foi ela que deu o poderiu á Alemanha, e hoje faz com que a Inglaterra domine o commercio do mundo.

PORTUGAL ADORMECIDO A' SOMBRA DOS LOUROS DAS ANTIGAS ERAS.

Ensinarão-nos na escola, e ainda hoje se ensina, até com estampas, que fomos um paiz de navegadores que dobrámos o Cabo Tormentoso, que fomos á India e ao Brazil, que domi-
namos o commercio da Arabia e da Persia, que demos leis ao mundo, mas o que nos não ensinaram, é que esta-
mos derreados com tão grande esforço, e de que não podêmos, até agora tomar, alento.

Eu não vim para aqui, meus se-
nhores, com o figado em mau estado, dizer-vos coisas desagradaveis, mas, antes que eu entrasse no assumpto da minha palestra, quiz mostrar-vos quão elevada é a diferença da nossa agri-
cultura, já cançada e velha, para essa industria do Turismo, que agora des-
ponta no horizonte.

Mas o turismo só se faz com pa-
triotismo e com a vontade firme de todos, e, se não fosse o receiar, ferir os vossos sentimentos patrioticos, que certamente são os meus, n'esta hora de luta com o cesarismo kaiseriano, dir-vos-ia que, o ser patriota, não é só defender a Patria, pegando n'uma

escupeta e por ela vomitar a morte, n'este seculo em que todas as vidas são preciosas, quer elas sejam de um cathedratico ou de um simples obreiro. O ser patriota é tambem construir uma patria nova e fazer, cada um dentro das suas forças, o seu engrandeci-
mento.

Quando n'este paiz toda a gente se convencer que devemos pôr de parte as mesquinheces do nosso meio, e que todos devemos tratar do bem da Patria, Portugal virá a ser a mais feliz de todas as nações.

Eu sou talvez, em Portugal a unica pessoa que não tem um partido poli-
tico e nem aspira a um emprego pu-
blico. Por vezes me tenho até visto embaraçado para responder a uma per-
gunta, de quem é o ministro da pasta tal; sendo quasi sempre a minha res-
posta, visto eu andar arredado o mais possivel da politica: Deve ser qualquer pessoa, o lugar não está vago.

Fatiguei já muito V. Ex.^{as} com o meu pseudo azedume; vou, portanto, ao fim principal para que aqui vim.

PORTUGAL, PAIZ EXCESSIONALMENTE TALHADO PARA O TURISMO

Não creio que haja no mundo um paiz com tão boas condições naturaes para o turismo, como Portugal.

A nossa situação privilegiada no ex-
tremo occidental da Europa, com o melhor porto da Peninsula, d'onde ir-
radiam linhas de navegação para todo o Brazil, para a Argentina, e, em breve para os portos do Pacifico, em direitura, por essa obra admiravel da engenharia, o canal do Panamá, e de onde partem linhas ferreas para o centro da Europa, como o melhor encurta-
mento da viagem transatlantica, com uma extensa praia de finas areias de oiro, onde o mar se espreguiça n'uma extensão de mais de 200 leguas, com uma riqueza consideravel d'aguas mi-
neraes para todas as doenças e, sobre-
tudo, com uma paisagem de idilios e fantasias sempre verde, formam um conjunto de riquezas para o turismo, como nenhum outro paiz possui.

LISBOA, CAES DA EUROPA

Ao reventar a guerra europeia, par-
tiam diariamente para Paris tres com-
boios rapidos, percorrendo um d'elles os 1.900 quilometros que nos sepa-
ram da capital de França em 31 horas.

Ao porto de Lisboa, vinham tocar, como ponto de despedida da Europa, todos os vapores, que da Inglaterra, da França, da Holanda e da Alema-
nha, se dirigiam á America do Sul, levando alguns d'aqui passageiros ás centenas e malas do correio aos mi-

lhares, e de todos os paizes da Europa.

E a prova do aproveitamento do nosso porto está, portanto no serviço postal, que todas as nações europeias escolhem: a via Lisboa.

Parece que nada mais seria preciso para o desenvolvimento do Turismo em Portugal, que esse serviço rapido de comboios, atravez da nossa soberba e empolgante paisagem. Mas não é assim. Falta a propaganda, e a que se tem feito no estrangeiro do nosso paiz é tão pobre, que pouco tem produzido, de fórma que o passageiro, ao debruchar-se da janela do comboio, fica surprehendido a ver a beleza do nosso paiz de que ninguém lhe tinha falado.

FAZER A PROPAGANDA NO ESTRANGEIRO

DAS NOSSAS AGUAS MINERAES SERIA SEMEAR A RIQUEZA DO NOSSO PAIZ

Assim, duma propaganda bem orientada, no Brazil, na Argentina e no Pacifico, e até mesmo na America do Norte, da nossa paisagem, do nosso clima e das nossas aguas minerais, tirar-se-hia uma certa concorrência a Vichy, Mariemba, aos Cauterets e a tantas outras estancias de agua estrangeiras.

As nossas praias, onde o mar sereno disputa a tranquilidade do nosso clima, teriam uma concorrência consideravelmente maior, se, pelo mesmo motivo, se tornassem no estrangeiro conhecidas.

A SERRA DA ESTRELA O CARAMULO, O MARÃO, RIVAES DA SUÍSSA

As nossas serras, nomeadamente a Estrela, o Marão, o Caramulo, se tivessem nos seus contrafortes, sanatórios para tuberculosos, que rivalisassem, em conforto, com os da Suíssa, em breve rivalisariam em concorrência, pois nenhum doente, vindo de além Atlantico, se metia a caminho da a Suíssa, tendo aqui, logo ao desembarque, o almejado repouso.

A Suíssa, a Italia, a França, lançaram-se com tão grande alma e coração ao turismo, que quasi se esqueceram das outras industrias, e tal incremento lhe deram, que, pobres praias de pescadores, foram transformadas em deliciosas praias de banho, todas luxo e prazer. E pequenas aldeolas perdidas nas encostas, foram transformadas em garridas cidades, com sanatorios e casinos, erguendo ao ceu as suas edificações, como estancia de cura e repouso.

GUERRA MAIO.

(Continua).

CAMINHO DE FERRO DO VALE DO SADO

É no dia 22 do corrente que se inaugura mais um troço d'este caminho de ferro, compreendido entre Louzal e Grandola, tendo como inter-medias as estações de Canal e Bairros.

A conclusão d'este caminho de ferro, grandes vantagens trará ao turismo pois que faz uma economia de 63 kilometros entre Lisboa e Algarve, o que é importantissimo.

O Algarve é uma provincia interessante sob muitos pontos de vista, vae em breve ter o seu sonho realiado, o encurtamento da viagem a Lisboa. E atendendo á solidez da construção da linha do Sado, e do seu excelente perfil, permitirá fazer-se um comboio rapido diario, que é sem duvida um incremento consideravel ás suas relações com a parte norte do paiz.

NOVAS CARRUAGENS DE 3.ª CLASSE

ENTRARAM em serviço nos comboios internacionaes da Companhia da Beira Alta, e cuja construção se efectuou nas oficinas da companhia na Figueira da Foz, duas carruagens novas de 3.ª classe.

O novo material, que é a ultima palavra em vehiculos d'este genero, fica sendo o primeiro do nosso paiz, e a rivalisar com o que de melhor existe no estrangeiro.

Nada ali falta, o aquecimento por termo-sifão, a retrete e lavatorio, a excelente e bem disposta iluminação a gaz, as prateleiras sobre todos os bancos, etc.

As novas carruagens, tem 7 compartimentos, com bancos estofados nas costas, comportando um total de 72 passageiros.

Tanto o corredor como as paredes e bancos são envernizados o tecto e retrete pintados de branco.

Tem 3 amplas janelas por cada lado do compartimento, com cortinas verdes e de facil applicação.

Presidiu á sua construção o distincto engenheiro da Companhia, sr. Eugenio Amaral, cuja competencia estava já sobejamente demonstrada nas carruagens de 1.ª e 2.ª classes, ha pouco ali construidas, que são de uma construção e acabamento, que honra não só a ele mas também á industria nacional.

Regosijamo-nos com o facto, tanto assim que a Companhia tem já mais

carruagens d'estes modelos em construção nas suas oficinas, o que é uma garantia do interesse que ela dá ao publico e ao turismo.

Associação de Inhabilidade do Pessoal da Marinha Mercante Portuguesa

A convite de um digno director desta Associação, visitámos as suas novas instalações na Rua dos Fanqueiros, n.º 97 a 101, e ficámos maravilhados com os progressos d'esta colectividade, fundada ha dois dias pois que sendo tão parca a marinha mercante nacional, conseguiu um numero elevado de socios, que já ascende a mais de 500, o que representa a conquista de um Ideal.

Ali n'aquella associação a troco de uma pequena quota, consegue-se formar um pequeno capital não só para a reforma como também para inhabilidade.

Depois a Associação tem um fim mais altruista o livrar os seus associados das garras do penhorista, evitando que ele vá empenhar até objectos de seu uso, pagando um juro desproporcional. Por isso a Associação faz emprestimos aos seus associados por um juro pequenissimo, tornando-se caução, as quotas já pagas ou ficando por fiador outro socio.

A Associação acaba, como dissémos, de abrir ao publico a sua nova sede n'uma elegante loja da rua dos Fanqueiros, com 3 portas, parecendo pela sua disposição uma casa bancaria. Tanto mais que se fazem ali depositar na sua caixa economica e se empresta dinheiro sobre joias e papeis de credito.

Dispondo de um rico mobiliario de uma casa forte, na cave, e de muitos outros requisitos, está a nova casa bancaria como se lhe devia chamar, em optimas condições para o fim a que se destina.

Além d'isso dispõe ainda de pessoal competentissimo o que é uma garantia segura para o bom exito do seu nobre fim.

E' de esperar que com as vantagens que a Associação oferece, em breve veja inscripto nos seus registos, um numero elevadissimo de pessoal da marinha mercante, pois não se faz ali selecção de categorias, sendo igual para todos, desde o simples fragateiro e moço de convez ao comandante de navios, e onde todas as classes tem representação, o que a tornou positivamente equalitaria e mutualista.

Estando no programa da nossa revista, a Navegação, regosijamos ver uma coletividade exclusivamente destinada a cuidar da velhice d'aquelles, que tem toda a vida dado a sua energia pela marinha mercante, e fazemos votos pelo seu engrandecimento.

CONSULTAS

Esta secção é destinada a consultas dos nossos estimados leitores, sobre viagens, excursões, hoteis a preferir, trajectos a percorrer, e sobre todos os assumptos que se ligam com o turismo.